

A FILOSOFIA TRANSCENDENTAL E A SUA CRÍTICA

IDEALISMO · FENOMENOLOGIA · HERMENÊUTICA

DIOGO FERRER
LUCIANO UTTEICH
(COORDENADORES)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

HUSSERL/FINK: SOBRE OS LIMITES DA TRANSCENDENTALIDADE HUSSERL/FINK: ON THE LIMITS OF TRANSCENDENTALITY

Alberto Marcos Onate*

(UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná)

Abstract: Starting from some texts of the north-american interpreter Ronald Bruzina, attempts to explore the status of the relationship between Husserl and Fink in line to the different conceptions of transcendentalism elaborated for both. The core of the differences attine the scope of the phenomenological reduction, especially on the need of noetic-noematic polarities. It is noteworthy that the influence of Fink is characterized by a cartesianization and simultaneous kantianization of the final stage of Husserl's thought, while the counterpart of Husserl in finkian meditation concerns the outline of a meontic dialectic of the originary temporality.

Keywords: Transcendentalism; Husserl; Fink; Mereology; Phenomenological Reduction; Meontic

* am.onate@uol.com.br

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo e pós-Doutor pela PUC-RS. É Professor Associado nos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação (*Stricto Sensu*) em Filosofia da UNIOESTE – *Campus* Toledo. Dedicou-se ao estudo da Ontologia moderna e contemporânea, principalmente Kant, Nietzsche, Husserl, Heidegger e Sartre. Atualmente está voltado às questões do transcendental e do tempo na fenomenologia do século XX.

Resumo: Partindo-se de alguns textos do intérprete norte-americano Ronald Bruzina, procura-se explorar o estatuto da relação entre Husserl e Fink em consonância às diferentes concepções de transcendentalidade elaboradas por ambos. O núcleo das divergências atine ao alcance da redução fenomenológica, mormente quanto à necessidade das polaridades noético-noemáticas. Destaca-se que a influência de Fink caracteriza-se por uma descartesianização e simultânea kantianização da etapa final do pensamento husserliano, ao passo que a contraparte de Husserl na meditação finkiana concerne ao esboço de uma dialética meôntica da temporalidade originária.

Palavras-Chave: Transcendentalidade; Husserl; Fink; Mereologia, Redução fenomenológica; Meôntica.

1. Questões condutoras

Publicado inicialmente em 1933 na revista *Kant-Studien* 38, o artigo de Eugen Fink, cujo título polêmico é “A Filosofia Fenomenológica de Edmund Husserl na Crítica Contemporânea”, constitui momento decisivo no fecundo diálogo entre a fenomenologia husserliana e o criticismo kantiano com seus vários desdobramentos neokantianos. No prefácio ao texto de Fink, Husserl considerava a maioria das críticas dirigidas à sua fenomenologia como superficiais, pois, embora citando suas palavras, não captavam o sentido profundo delas, não merecendo, portanto, resposta direta e explícita devido à incompreensão do cerne de suas concepções. Tratava-se de análises oriundas de “debutantes filosóficos, aos quais faltava a maturidade inerente a toda operação crítica séria”.⁴⁰⁴ Havia, porém, críticas mais consistentes

⁴⁰⁴ Husserl (1989), 182.

e responsáveis, merecedoras legítimas de uma explicação recíproca (*Auseinandersetzung*), com destaque para as leituras neokantianas.

Assumindo o estatuto imperfeito e ainda incoativo de suas exposições, bem como o excesso de trabalho na elaboração e sistematização de suas ideias nucleares, o pensador alemão solicitou a seu assistente à época que redigisse um texto visando a elucidar as principais divergências entre ambas as posições teóricas e, após lê-lo minuciosamente, constatou que “ele não contém uma só frase de que eu não possa integralmente me apropriar, que eu não possa reconhecer expressamente como minha própria convicção”.⁴⁰⁵ Tal confissão, entretanto, comporta matizes e deve ser interpretada *cum grano salis*. Ronald Bruzina, ao introduzir sua tradução da *Sexta Meditação Cartesiana*, escrita por Fink, bem como no livro de sua autoria *Edmund Husserl e Eugen Fink: Começos e Fins em Fenomenologia, 1928-1938*, analisa os pormenores da relação multiforme entre os dois pensadores. Alguns aspectos da reconstrução biográfica, conceitual e argumentativa de Bruzina serão relevantes no contexto da análise pontual que desenvolverei.

Na introdução à tradução, publicada em 1995, o intérprete estadunidense sustenta que as revisões de Fink das cinco primeiras meditações e a escrita da sexta meditação, durante o período em que foi assistente de Husserl (1928-1938), “contribuíram positiva e diretamente para o deslocamento da base cartesiana da exposição da fenomenologia”⁴⁰⁶. Gradativamente, as *Meditações Cartesianas* agregavam contornos e conteúdos cada vez menos cartesianos. Tal influência marcante mostra que o vínculo Husserl/Fink, desde o começo, não foi de mera assistência. Missivas de ambos, trocadas entre si e com terceiros, bem como anotações pessoais e textos públicos, mencionados por Bruzina, manifestam, sobretudo da parte de Husserl, caracterizações eloquentes: - numa carta ao padre Daniel Feuling, de 30 de março de 1933, Husserl confessa,

⁴⁰⁵ Husserl (1989), 183.

⁴⁰⁶ Bruzina (1995), IX.

referindo-se a Fink, que "...pensamos juntos: somos como dois vasos comunicantes..."⁴⁰⁷; - escrevendo diretamente a Fink, em 21 de julho 1934, Husserl reconhece que aquele nunca foi apenas seu assistente, seu secretário: "você é meu co-trabalhador (*Mitarbeiter*) e, adicionalmente, meu disseminador (*Seminar*), meu educador (*Lehrtätigkeit*)"⁴⁰⁸; - noutras cartas, de 29 de outubro de 1931 e 11 de setembro de 1933 a Felix Kaufmann, ele fala de "uma ressonância tão completa que eu encontro com ele (Fink)" e detecta nele um "incomparavelmente intenso copensador"⁴⁰⁹. De sua parte, Fink assevera retrospectivamente em sua *História Política de Minha Carreira Científica*, de 1945:

"Husserl reconhecia minha independência intelectual justamente por que sempre buscando minha contradição produtiva e meu criticismo, que ele precisava como estímulo para objetivar seu pensamento criativo[, ...] eu agi, de certo modo, como um catalisador intelectual para ele."⁴¹⁰

Pelos testemunhos referidos, detecta-se um misto de proximidade e distância no intercâmbio de Husserl e Fink, cuja repercussão extrapola a individualidade dos pensadores envolvidos, constituindo antes um aprofundamento das investigações e do discurso fenomenológicos enquanto um todo. O núcleo do debate concerne ao estatuto da redução fenomenológica e ao circuito conceitual-argumentativo nela implicado. Bruzina ressalta, de modo pertinente, que as revisões finkianas das cinco meditações redigidas por Husserl, bem como a sexta meditação, cuja autoria integral é de Fink, instauram um processo indelével de descartesianização (*de-Cartesianizing*) das versões

⁴⁰⁷ Husserl (1994), vol. 7, 83.

⁴⁰⁸ Husserl (1994), vol. 4, 93.

⁴⁰⁹ Husserl (1994), vol. 4, 184 e 196.

⁴¹⁰ Fink (2005), 4-4, 2.

do texto propriamente husserliano. Tal processo, exposto de maneira sumária, inicia-se já na primeira meditação, substituindo-se o ponto de partida calcado na ideia de ciência pela pré-doação do mundo, passando pela troca da irredutibilidade do eu puro em favor da incontornável crença-no-mundo como transcendentalmente inerente àquele, prolongando-se no incisivo descarte dos desdobramentos empáticos e emparelhadores do eu puro pelo vínculo estrito de temporalidade e intersubjetividade transcendentais, e finalizando na autocrítica transcendental da fenomenologia, na famosa fenomenologia da fenomenologia, que remata o deslocamento das *Meditações* para contextos kantianos demarcados já no título adotado por Fink para a sexta delas: “A ideia de uma teoria transcendental do método”, cujo núcleo questionante é a reflexão transcendental. Segundo o intérprete estadunidense, o crucial da *Auseinandersetzung* é que

“para Fink, a forma de autocrítica que a fenomenologia efetua numa teoria transcendental do método é governada por abordagens explícitas da questão do ser dentro dela, enquanto para Husserl não há necessidade real na fenomenologia transcendental de tornar um tema especial a questão do ser.”⁴¹¹

Dois conceitos, de vital importância teórica e de difícil tradução, destacam-se no discurso finkiano acerca desta diferença: *Verweltlichung* e *Weltbefangenheit*, a serem discutidos a seguir nesta exposição.

Bruzina prossegue, no livro mencionado, suas pesquisas atinentes à relação Husserl/Fink a partir da consulta e sistematização do máximo de documentos disponíveis, visando um balanço o mais completo possível das discordâncias e concordâncias entre os dois pensadores, num intercâmbio contínuo de apropriações e desapropriações, decisivo para entender-se a tessitura imanente da fenomenologia husserliana

⁴¹¹ Bruzina (1995), XLIX.

em sua última versão. A contribuição do trabalho de Bruzina para a fortuna crítica de Husserl é indiscutível, merecendo a sua difusão, sobretudo, no Brasil, cenário filosófico em que, segundo as informações de que disponho, ela não mereceu, até o momento, nenhuma abordagem, mesmo que fosse introdutória.

Meu tratamento dos textos de Bruzina não implica em debater, globalmente ou em seus detalhes, as diversas interpretações das leituras husserlianas intrínsecas das obras cartesiana, kantiana ou dos neokantianos, investigações de reconhecido valor filosófico em seus circunscritos propósitos.⁴¹² Meu foco precípuo pretende apresentar criticamente o trabalho desenvolvido pelo intérprete estadunidense, tendo como questão condutora a discussão acerca dos limites da transcendentalidade, tema decisivo que aproximou filosoficamente Fink de Husserl e vice-versa, embora também contribuísse para distanciá-los, não pela negação liminar de partes ou de todo pensamento um do outro, mas pelo anseio radical de franquear aqueles limites.⁴¹³

2. A reconstrução conceitual e argumentativa de Bruzina

Fink chega, pela primeira vez, a Freiburg no semestre hibernal de 1925, assistindo, além de outros cursos oferecidos pela universidade na ocasião, às aulas de Husserl sobre as *Questões Fundamentais da*

⁴¹² Cabe, todavia, indicar aos leitores interessados no aprofundamento das análises aqui desenvolvidas alguns trabalhos importantes que exploram *ex professo* a relação entre as filosofias husserliana, cartesiana, kantiana e/ou neokantiana: - Ehrlich (1923); Kreis (1930); Zocher (1932); Kern (1964); Carr (1999); Luft (2004a); Nenon (2008); Luft (2004b); Overgaard (2002); Bello (2005); Lerner (2012). **Dois livros em português, embora não adotem como fio condutor explícito as influências cartesianas, kantianas ou neokantianas na fenomenologia de Husserl, merecem destaque, pois suas questões-guias se entrelaçam àquelas que analiso neste trabalho:** Nabais (1998); Alves (2003).

⁴¹³ Menciono três livros publicados nos últimos anos tratando do período final da filosofia husserliana e, dois deles, diretamente da relação Husserl-Fink: Sebastian Luft (2002); Kerckhoven (2003); e Mohanty (2011). Dados os limites desta exposição, contudo, não poderei resgatar nem discutir pontualmente as interpretações neles defendidas.

Lógica. Na sequência, ele se transfere a Berlim por um curto período, frequentando lá também cursos variados, e retorna a Freiburg no semestre hibernal do ano seguinte, lá permanecendo até 1939. Em agosto de 1928, ele se torna o segundo assistente de Husserl, sendo Ludwig Landgrebe o primeiro. A partir de março de 1930, permanece enquanto único assistente, com a interrupção do trabalho de Landgrebe para dedicar-se à sua *Habilitation*. A primeira tarefa de Fink no posto foi organizar os *Manuscritos de Bernau* visando convertê-los num texto publicável. Atividades como esta estimularam o intercâmbio teórico, no mesmo nível pensante, de Fink e Husserl, até a morte deste. Além da importante missão de concatenar e tornar compreensíveis aos leitores os textos husserlianos, Fink dialoga de maneira ativa com o fundador da fenomenologia, àquele momento já desprovido, pela idade avançada e pelos problemas de saúde, da energia vital e mental desfrutada na juventude e na maturidade. Gradativamente, o assistente assume o estatuto de colaborador decisivo⁴¹⁴.

O arguto colaborador adentra nas investigações husserlianas a partir de seu núcleo: a redução fenomenológica. O último curso de Husserl, ministrado no semestre hibernal de 1928, antes de se aposentar, trata do tema, e o assistente destaca, em suas anotações privadas, o caráter circular do método fenomenológico nela alicerçado, num processo contínuo de autorrevisão. Tal procedimento autocrítico da razão remonta à época das *Investigações Lógicas*, sob a caracterização de um movimento em ziguezague; naquela versão, entretanto, como nesta, Fink detecta as lacunas da exposição husserliana, ao não explicitar como e em que níveis isto se processa. Já em sua *Dissertação Inaugural*, defendida em 13/12/1929, perante Husserl e Heidegger, nos papéis respectivos de *Referent* e *Korreferent*, Fink expressava reticências ao

⁴¹⁴ Não considero diretamente as relações Husserl-Heidegger e Fink-Heidegger durante estes anos, bem como o impacto da leitura do texto de Georg Misch *Filosofia-Vital e Fenomenologia: Uma Abordagem da Orientação de Dilthey Via Debate com Heidegger e Husserl*, pois tais pormenores encontram-se devidamente explorados no livro de Bruzina.

projeto fenomenológico husserliano *tout court*. Os principais aspectos do distanciamento concernem à legitimidade da bifurcação estrutural entre noese e noema, bem como às suas implicações para a análise da temporalidade. A descrição dos âmbitos noéticos e noemáticos vincula-se diretamente aos dados subjetivos-objetivos da atitude natural, sem que Husserl pense noeticidade e noematicidade em si próprias enquanto operações constitutivas fundamentais. Na ausência de tal análise, fica comprometida a elucidação da temporalidade vigente nas apresentações (*Gegenwärtigungen*) e presentificações (*Vergegenwärtigungen*), sobretudo, no tocante à iterabilidade dos vários horizontes temporais, tomados em suas singularidades e em suas inter-relações. É em tal contexto teórico que o intérprete estadunidense encontra um momento capital do “fator kantiano em fenomenologia”⁴¹⁵.

Influenciado pelo conceito heideggeriano de indicação formal, entendido segundo parâmetros da transcendentalidade kantiana, Fink considera indispensável à radicalização do programa fenomenológico husserliano uma autocrítica aplicável a todos os seus níveis descritivos. Isto remete às exigências sistemáticas do trabalho fenomenológico, à sua arquetônica, demanda assumida por Husserl, sem que pudesse atendê-la até aquele momento de sua trajetória pensante, almejando ao menos iniciá-la com as *Conferências de Paris* e as *Meditações Cartesianas*. Sem a delimitação e a hierarquização explícitas dos planos descritivos e a análise de suas inumeráveis inter-relações, as abordagens, ainda que exaustivas, de âmbitos noético-noemáticos circunscritos, se mostram insuficientes. Sem a visada fenomenológica total e sistemática, as visadas parciais só podem advogar o estatuto de preliminariedade, a ser necessariamente preenchido. No limite, Fink aponta a uma crucial deficiência mereológica das exposições husserlianas.

Lacuna mereológica peculiarmente grave no tocante ao vínculo entre a correlação noético-noemática e a temporalidade: esta pode ser

⁴¹⁵ Bruzina (2004), 83.

descrita mediante aquela ou aquela se subordina ou, até mesmo, deixa de operar nesta? Em suas anotações pessoais da época, Fink sustenta a segunda alternativa, detectando no âmbito derradeiro dos processos temporais a atividade constituinte de uma proto-noematização (*Urnoematisierung*), em cuja operação os dados ônticos, naturais resgatam sua cidadania fenomenológica. Tal direção metodológica implica em repensar o estatuto da subjetividade transcendental a partir de uma investigação radical de seu modo de ser, tarefa que se diferencia tanto dos enquadramentos husserlianos quanto heideggerianos: nem o conceito de subjetividade transcendental, desprovido de vínculos ônticos, nem o de *Dasein*, enraizado na onticidade, exploram cabalmente o âmbito radical de instauração de qualquer nível fenomenológico. Só uma investigação meôntica pode lograr êxito em elucidar o plano constitutivo final.

O primeiro óbice a evitar concerne ao caráter definitivo atribuído às exposições públicas de Husserl sobre a *epoché* fenomenológica, ao passo que, adequadamente consideradas, elas se mostram apenas preliminares e introdutórias, implicando no risco de serem interpretadas de maneira unilateral em seu aspecto noemático e, portanto, descurando-se do aspecto noético. A pergunta decisiva concerne a quem ou o que opera a redução fenomenológica, sendo que os próprios atos redutores devem ser reduzidos no processo. Fink entende que Husserl, para evitar o caráter paradoxal do mecanismo redutor, desconsidera o viés ontológico nele implicado ou, nas palavras de Bruzina: “o ato cognitivo permaneceu definido exclusivamente em termos da correlação de sujeito e objeto, num equívoco que colapsou tanto a *ordo essendi* quanto a *ordo cognoscendi*”.⁴¹⁶ Outro ponto restritivo das exposições husserlianas diz respeito ao privilégio do presente no processo redutor. Apresentações e presentificações, cada uma em consonância aos diferentes modos de doação objetual, funcionam

⁴¹⁶ Bruzina (2004), 101.

como pontos de partida necessários da colocação entre parênteses transcendentais.

Seja na organização ou revisão de textos husserlianos, seja na elaboração de textos próprios, Fink opera a partir do fio condutor de uma transcendentalidade meôntica. No reexame da primeira *Meditação Cartesiana*, por exemplo, propõe substituir o marco inicial do método fenomenológico da autoevidência egóica pela pré-doação do mundo. Começar a trajetória rumo ao campo transcendental a partir de uma base gnosiológica, embora evidente, e não de um fundamento ontológico, equivaleria a comprometer indelevelmente os passos ulteriores. O perfil intrínseco de divergências como esta é que tornam apropriada a caracterização de Bruzina ao afirmar que

“[...] as diferenças entre Husserl e Fink representam *genuínas questões dentro da fenomenologia transcendental*, questões levantadas por demandas da integração crítica dos múltiplos níveis e estágios da fenomenologia, ao invés de objeções e acusações que de modo antagônico a confrontam ou a minam desde fora.”⁴¹⁷

Fink cumpre o papel de *alter ego* filosófico de Husserl, efetuando os acréscimos e/ou decréscimos que o fundador da fenomenologia sempre exercitou sobre seu próprio trabalho ao longo de toda a vida intelectual.

Cabe à fenomenologia iniciar suas análises concretas num campo aberto por um movimento regressivo mais radical que o efetivado por Husserl: embora os inclua no seu modo de ser, a vida transcendental do eu puro não radica nos seus atos constitutivos de qualquer objeto e em qualquer nível intencional. Nas palavras do intérprete estadunidense:

⁴¹⁷ Bruzina (2004), 108.

“A concepção de imanência fenomenológica não deve ser modelada sobre a imanência da autorreflexão humana, isto é, como uma imanência posta em oposição à transcendência de objetos no mundo e, assim, (aparentemente) absolutizada em tal oposição.”⁴¹⁸

A consciência pura não antecede nem sucede o mundo, constituindo-se só e necessariamente na vigência da correlação. Defender a precedência constitutiva do eu puro implica em torná-lo indeterminado, bem como ao polo mundano da relação. Ambos só se determinam de maneira radical sob o influxo dos horizontes temporais, cujas operações não podem mais ser consideradas, propriamente, atos intencionais.

Bruzina contrasta as concepções husserliana e finkiana de redução delineando-as, respectivamente, como des-naturalizante e des-humanizante. Fink entende que suas reformulações radicalizam a redução husserliana, mas precisa investigar quais os limites de tal radicalização. Deve-se questionar, até as suas últimas fronteiras, a concebibilidade da dimensão transcendental do eu enquanto um todo. Apesar de seu esmero conceitual e argumentativo, a deficiência de Husserl diz respeito à atitude depurativa dos modelos naturalistas de autoapreensão, ao invés de uma atitude resolutamente supressora dos mesmos como plataforma privilegiada à descrição dos eventos transcendentais. Há uma opacidade intrínseca, necessária do eu puro, que deve ser assumida e descrita enquanto tal em todas as suas implicações. Os ideais de ciência e de evidência adotados por Husserl como fio condutor para a assunção da translucidez da consciência transcendental, mesmo que a título de “ideia em sentido kantiano”, devem ser substituídos pela opacidade de ser inerente à constituição temporal desta consciência, admitindo-se de maneira coerente que

⁴¹⁸ Bruzina (2004), 112.

este é o melhor método para a sua determinação no próprio plano de sua vigência.

Fink admite a concebilidade do opaco âmbito transcendental, desde que se abandone o encaminhamento husserliano da passagem do impuro ao puro como mudança, embora racionalmente sofisticada, de signo ou de valor. Tal passagem

“Não pode ser uma mera mudança num quociente de ‘aceitação/validade’, uma retirada da crença ou aprovação posicional; ela é também uma transformação de *conteúdo* – e não apenas de conteúdos particulares, mas de toda *ordem de conteúdo-possibilidade*.”⁴¹⁹

Tarefa que implica tanto no abandono completo da aparência transcendental (*transcendentaler Schein*) inerente à manutenção simultânea de natural e transcendental, quanto na elaboração de uma semântica estrita do âmbito transcendental.

Semântica radical que exige repensar o estatuto da reflexão: ao invés de flexão repetida na qual as operações subjetivas se tornam objetos temáticos, deve-se entendê-la enquanto modo expressivo das operações pré-temáticas da consciência executante (*Vollzugsbewusstsein*). Husserl não soube desvencilhar-se da tendência tematizante, mesmo quando pareceu negá-la ao descrever as operações horizontais: o que não se doa nos diferentes níveis intencionais pode ser convertido em tema de experiências concordantes transcendentais possíveis. A inteligibilidade do pré-temático proposta por Fink requer uma compreensão meôntica do processo de conhecimento transcendental, em cuja vigência não se apreendem quaisquer objetos, independente do modo ou nível operativo, nem mesmo como objetividades estritamente estruturais. A questão do transcendental

⁴¹⁹ Bruzina (2004), 122.

só poderá ser analisada, e, a partir dela, elaborar-se uma semântica apropriada, se e na medida em que a questão for visada enquanto questão: fechá-la, em qualquer grau, significa abandoná-la.

Abertura contínua que só pode vigorar mediante a adoção do método constitutivo-meôntico de acesso ao transcendental. Bruzina apresenta o gradual desenvolvimento deste método em Fink a partir da reelaboração das noções de teologia negativa e de *noumena* em sentido negativo, exploradas, respectivamente, nas obras de Nicolau de Cusa e de Kant. Tais antecedentes teóricos, ainda vagos, ganham foco na apreensão finkiana do conceito heideggeriano de indicação formal enquanto projeção. Interpretando Fichte, Heidegger assimila projeção a construção e considera que estas têm

“uma base em algo que já é dado, mas a projeção específica um determinado caminho no qual o que é abordado será clarificado precisamente naquele caminho, contra o caráter implícito ou a distorção nas quais ele foi agora construído.”⁴²⁰

Ocorre um excesso do dado, mas tal excesso é exprimível segundo regras semânticas estritas. A analogia finkiana para tal expressividade concerne à alternância ôntica entre sono e vigília, em que os dados do primeiro só podem ganhar sentido pleno na vigência da segunda. Segundo tal modelo de inteligibilidade, a fenomenologia deve abandonar seu estatuto regressivo e assumir resolutamente o estatuto progressivo de projeção e construção.

Adotar o método constitutivo-meôntico em fenomenologia implica em dotá-la de um caráter especulativo, em sentido hegeliano, no qual as questões decisivas não remetem mais a um fundamento (*Grund*), mas a uma origem (*Ursprung*). Nas palavras de Fink:

⁴²⁰ Bruzina (2004), 163-164.

“Com Kant, o problema transcendental encaminha-se a uma nova fundação da ontologia; na fenomenologia este problema é transformado na derivação do ente, isto é, numa metafísica ontogônica.”⁴²¹

A derivação completa dos entes a partir da transcendentalidade do ser comporta três desdobramentos temáticos básicos, preparatórios à explicitação do método proposto: mundo, tempo, vida e espírito.

O mundo é pré-dado, não num sentido de mera sequência temporal, mas de origem ontológica. Pré-doação em que a atitude natural adquire estatuto mais profundo que o exposto por Husserl em suas variadas versões. Para expressá-la, Fink emprega o neologismo alemão *Weltbefangenheit*, que traduzo por comprometimento mundano⁴²². Trata-se de um conceito especulativo a ser entendido meonticamente, e, para tanto, deve-se começar descartando a compreensão de mundo como um ente imenso que englobasse todos os entes possíveis e efetivos ou como a soma total, o todo destes entes. Mesmo a concepção husserliana de mundo, enquanto horizonte de todos os horizontes, não se mostra apropriada, pois ainda opera em consonância à dicotomia continente-conteúdos. Do mesmo modo, as ecstases temporais propostas por Heidegger não expressam radicalmente o estatuto de mundo, pois absolutizam a inserção do *Dasein* na oniabrangência daquele. Mundo, no léxico finkiano, significa não-ser relativo, no modo *sui generis* de contenção (*Enthalten*) de todo conteúdo (*Inhalt*).

Tal caracterização sumária remete a esclarecimentos adicionais, destacando-se a pergunta se e como se pode ser consciente de mundo. Tanto os acessos husserlianos (reduções), quanto os heideggerianos (*Stimmungen* fundamentais, experiência poética radical) são desconsiderados, por não se ajustarem à apreensibilidade do não-ser relativo.

⁴²¹ Fink (1976), 43.

⁴²² Bruzina prefere verter por *captivation in/by the world*.

Mundo ocorre numa consciência vigilante e executante. Adjetivos cuja compreensão demanda investigar-se radicalmente a horizonticidade da origem de todos os horizontes, destas

“características das experiências horizontais, destas armações estruturais do ser-sujeito humano no mundo, [que] são *pistas* para uma inquirição fenomenológica da constituição destes horizontes enquanto tais, isto é, da constituição transcendental do mundo – *como o mundo é lá em primeiro lugar.*”⁴²³

Influenciado pela distinção kantiana entre a consciência de objetos e a consciência de mundo, entre as categorias e as ideias, entre as várias determinações ontológico-transcendentais e as várias determinações cosmológico-transcendentais, entre conhecer e pensar, Fink detecta um meio racional de acesso ao mundo enquanto mundo, (em terminologia hegeliana), ao absoluto, na exploração dos limites da ideia de ser. Delineia-se uma metafísica meôntica do absoluto, na qual as diferentes modalidades horizontais de contenção que compõem o âmbito de jogo do campo intencional se estruturam. A consciência situacional profunda não se refere mais a objetos efetivos ou possíveis, mas ao pré-dado mundo imanente-transcendente condicionante de qualquer fenômeno objetivo.

Um dos principais corolários da concepção finkiana é a impossibilidade de reduzir integralmente o mundo, de colocá-lo entre parênteses, pois o procedimento redutivo, mesmo que radical como proposto no parágrafo 49 de *Ideias I*, não atinge a pré-doação horizontal de mundo enquanto condição para o próprio mecanismo redutor. Ao invés de acessar à subjetividade transcendental em sua pureza, a redução fenomenológica, nas várias versões husserlianas, apenas duplica aquela pré-doação. Isto não implica, contudo, em abandonar

⁴²³ Bruzina (2004), 198.

a transcendentalidade da consciência, mas em perquirir seu ser e, caso viável, seu modo de ser a partir das estruturas intrínsecas da situacionalidade desta dentro da horizontalidade mundana. O processo de redução fenomenológica, entendido radicalmente, coloca em jogo o transcender-se mundano da relação constitutiva entre vida transcendental e mundo.

Outro corolário decisivo da concepção finkiana atine à passagem da consciência temporal intramundana à consciência temporal pré-mundana, caso ela seja exequível. A referência básica das análises finkianas concerne aos manuscritos husserlianos de Bernau e do grupo C. Husserl entende que as intencionalidades retencionais e protencionais do fluxo temporal não são meras instâncias de atribuição semântica sobre presentes dados no fluxo consciencial, seja no modo de aparência objetual estrita, de aparências conscienciais ou de atos conscienciais. Embora desenvolva análises conceituais refinadas, Husserl circunscreve-se à abordagem intencional noético-noemática da temporalidade, sem questionar as suas bases. A pergunta capital concerne à precedência constitutiva dos âmbitos envolvidos: a consciência transcendental instaura a temporalidade ou aquela é instaurada por esta? Fink assume a segunda alternativa já em sua Dissertação inaugural, subordinando o processo de apresentações e presentificações à temporalização mais radical das deapresentações (*Entgegenwärtigungen*).

Horizontes deapresentativos não são tipos de experiência intencional, mas modos temporalizantes da própria temporalidade original; sendo condições do fluxo temporal, eles não se encontram nele. Eles não são eventos mundanos, nem no modo ativo, nem no modo passivo; sendo operações instauradoras das temporalizações do tempo, eles é que possibilitam qualquer evento mundano. Caracterizações negativas que demandam complementos positivos explanatórios do puro funcionamento dos horizontes deapresentativos. Fink explora três estágios de análise: - o primeiro equivale à redução husserliana *tout court*, ou seja, ao retorno intencional do(s) objeto(s) dado(s) à(s)

sua(s) camada(s) constitutiva(s) estrutural(is), processo reutivo designado de contra-stância (*Gegenstand*); - o segundo diz respeito à constituição do mundo fora dos parâmetros objetivantes ou de totalização objetivante, considerando-se este enquanto horizonte dos horizontes, operação denominada circum-stância (*Umstand*); - o terceiro atine ao fenômeno de auto-experiência da consciência, fora dos estritos parâmetros reflexivos naturais ou transcendentais, considerando-se esta enquanto instauração intrínseca de si, operação denominada ins-tância (*Instand*).

Dinâmica tripartite de proto-temporalização cuja decorrência estrutural é a auto-objetivação do sujeito transcendental segundo parâmetros intanciais-formativos, somente a partir dos quais podem exercitar-se as visadas reflexivas. O mundo é a totalidade das instâncias em que a vida transcendental opera visando a formação do que ocorre. Os elementos instanciais de contenção instauram apresentações, ao passo que as presentificações retencionais e protencionais configuram o fluxo semântico continencial. Apresentação significa atualização e esta, por sua vez, significa situação, mundanização (*Verweltlichung*), finitização, modalizadas em consonância aos múltiplos horizontes presentificadores. A finitude humana estrutura-se e conscientiza-se de sua condição segundo tais horizontes. A anterioridade do sujeito transcendental em relação ao mundo não é de caráter intratemporal ou genético, mas efetua-se regressivamente a partir da situação mundana, e só dentro de tais limites pode ser considerada. Na precisa sinopse de Bruzina:

“[...] as instâncias são as vias estruturais em que uma consciência atual, uma vida subjetiva atual, é concretamente ‘posicionada’ numa determinada ‘estação’ ou ‘estância’ no mundo, ou seja, na temporalidade mundana como processo temporal propriamente experimentado.”⁴²⁴

⁴²⁴ Bruzina (2004), 250.

Esboçados os contornos da autotemporalização da temporalidade, adentra-se na labiríntica questão da origem de tudo que se temporaliza, inclusive da própria dimensão temporalizante. Fink sustenta que

“é tarefa da fenomenologia tentar o salto na profundidade do não-fundamento, no abismo, que abre além de todo ser e ente, [...] arrancar o não-fundamento/abismo deste ‘nada’ de vacuidade de sua subsistência, em conceitualidade dialética dentro do ser experimentado na questão filosófica.”⁴²⁵

O arcabouço conceitual-argumentativo requerido para tal tentativa de saltar no abismo prévio a toda armação proto-temporalizante principia através da compreensão do sentido das representações enquanto contenções/detenções. Os vários movimentos proto-temporalizantes perfazem a contenção/detenção plena de mundo em seus modos contínuos de apresentar-se, seja no presente temporal estrito, na espacialidade temática ou em seus respectivos campos horizontais.

Articular conceitualmente a contenção/detenção radical de mundo implica em confiar numa inteligibilidade mais profunda da origem temporal de tudo que se mundaniza, inclusive do próprio eu transcendental em versão noético-noemática. Tal confiança se expressa de maneira mais elaborada, embora não diretamente explorada, na diretriz metodológica que perpassa a elaboração da *Sexta Meditação Cartesiana*, redigida por Fink durante o verão de 1932,⁴²⁶ mas encontra sua formulação exemplar no esboço escrito em 1934 para a segunda parte do artigo publicado no ano anterior na revista *Kant-Studien*:

“(c) A ‘ilusão do idealismo absoluto’. Sua *hybris*, sua extravagância, imoderação, inumanidade. ‘Será como Deus’.

⁴²⁵ Fink, (2005) IV-57b.

⁴²⁶ Publicada só em 1988, após a morte do autor, ocorrida em 1975.

Não uma atitude humana, mas uma compleição meôntica do espírito.”⁴²⁷

A assunção finkiana da perspectiva meôntica se mostra diretamente, ainda que de modo inarticulado, só nas anotações e textos privados do autor, aparecendo de maneira indireta nos textos e revisões que ele produziu durante o convívio com Husserl. A abordagem meôntica implica numa arquitetônica sistemática disposta em consonância a vários níveis veritativos, cujo ápice concerne ao esclarecimento da relação entre o ser do mundo e o não-ser relativo da vida que se espiritualiza na condição humana finita, ambos perfazendo-se nos horizontes representativos da temporalidade originária. Embora tenha permanecido *in statu nascendi*, a dialética meôntica finkiana, encarada como radicalização do programa fenomenológico husserliano, abre caminhos férteis à investigação dos limites da transcendentalidade.

Bibliografia

- ALVES, Pedro (2003): *Subjectividade e Tempo na Fenomenologia de Husserl*. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- BELLO, Angela (2005): “Husserl interprete di Kant”. In: *Dialegethai. Rivista telematica di filosofia*, anno 7.
- BRUZINA, Ronald (2004): *Edmund Husserl and Eugen Fink: Beginnings and Ends in Phenomenology, 1928-1938*. New Haven, Yale University Press.
- CAIRNS, Dorion (1976): *Conversations with Husserl and Fink*. The Hague, Martinus Nijhoff.
- CARR, David (1999): *The Paradox of Subjectivity-The Self in the Transcendental Tradition*. New York/Oxford, Oxford University Press.
- EHRlich, Walter (1923): *Kant und Husserl-Kritik der transzendentalen und der phänomenologischen Methode*. Berlin, Max Niemeyer, 1923.

⁴²⁷ Fink (2005), II-Z-XIV II/1b. Texto com o qual iniciei a presente exposição. Bruzina relata que, além deste fecundo material, Fink escreveu o livro *Tempo e Constituição do Tempo*, mas, infelizmente, ao que tudo indica, o próprio autor o eliminou. Quanto às razões que o levaram a tal atitude, consulte-se, sobretudo, as páginas 308-310 do livro do intérprete estadunidense.

- FINK, Eugen (1933): "Die phänomenologische Philosophie Edmund Husserls in der gegenwärtigen Kritik. Mit einem Vorwort von Edmund Husserl". In: *Kant-Studien* 38, pp. 319-383, Berlin.
- FINK, Eugen (1966): *Studien zur Phänomenologie (1930-1939)*. The Hague, Martinus Nijhoff.
- FINK, Eugen (1976): *Nähe und Distanz: Phänomenologische Vorträge und Aufsätze*. Edited by Franz-Anton Schwarz. Freiburg and Munich, Verlag Karl Alber.
- FINK, Eugen (1988): *VI. Cartesianische Meditation, Teil 1: Die Idee einer transzendentalen Methodenlehre*. Edited by Hans Ebeling, Jann Holl, and Guy van Kerckhoven. *Teil 2: Ergänzungsband*. Edited by Guy van Kerckhoven. Husserliana Dokumente II/1-2. Dordrecht – Boston – London, Kluwer Academic Publishers.
- FINK, Eugen (1995): *Sixth Cartesian Meditation - The Idea of a Transcendental Theory of Method*. Tradução e introdução de Ronald Bruzina do original alemão, Bloomington, Indianapolis, Indiana University Press.
- FINK, Eugen (2005): *Die letzte phänomenologische Werkstatt Freiburg: Eugen Finks Mitarbeit bei Edmund Husserl. Manuskripte und Dokumente. Teil I—1927–1938, Band I-IV* Edited by Ronald Bruzina. Eugen Fink, Gesamtausgabe, Abteilung III, Freiburg – München, Karl Alber.
- HUSSERL, Edmund (1968): *Phänomenologische Psychologie. Vorlesungen Sommersemester 1925*. The Hague, Martinus Nijhoff.
- HUSSERL, Edmund (1969): *Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins (1893-1917)*. The Hague, Martinus Nijhoff.
- HUSSERL, Edmund (1975): *Logische Untersuchungen. Erster Teil. Prolegomena zur reinen Logik*. Text der 1. und der 2. Auflage. Halle: 1900, rev. ed. 1913. The Hague, Martinus Nijhoff.
- HUSSERL, Edmund (1984): *Logische Untersuchungen. Zweiter Teil. Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis. In zwei Bänden*. Halle: 1901; rev. ed. 1922. The Hague, Martinus Nijhoff.
- HUSSERL, Edmund (1989): *Aufsätze und Vorträge (1922-1937)*, Dordrecht, The Netherlands, Kluwer Academic Publishers.
- HUSSERL, Edmund (1991): *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*. The Hague, Martinus Nijhoff.
- HUSSERL, Edmund (1994): *Briefwechsel*. Edited by Karl Schuhmann with Elisabeth Schuhmann. 10 vols. Dordrecht – Boston – London, Kluwer Academic Publishers.
- KERCKHOVEN, G. (2003): *Mundanisierung und Individuation bei E. Husserl und E. Fink: Die VI. Cartesianische Meditation und ihr Einsatz*. Würzburg, Königshausen und Neumann.
- KERN, Iso (1964): *Husserl und Kant. Eine Untersuchung über Husserls Verhältnis zu Kant und zum Neukantismus*. The Hague, Martinus Nijhoff.
- KREIS, Friedrich (1930): Phänomenologie und Kritizismus, in *Heidelberger Abhandlungen zur Philosophie und Ihrer Geschichte*. Tübingen, J.C.B. Mohr.
- LERNER, Rosemary (2012): "Husserl lector de Kant. Apuntes sobre la razón y sus límites". In: *Areté Revista de Filosofía*, Vol XXIV, n° 2, pp. 351-383.
- LUFT, Sebastian (2002): *Phänomenologie der Phänomenologie-Systematik und Methodologie der Phänomenologie in der Auseinandersetzung zwischen Husserl und Fink*. Dordrecht – Boston – London, Kluwer Academic Publishers.

- LUFT, Sebastian (2004a): "A Hermeneutical Phenomenology of Subjective and Objective Spirit: Husserl, Natorp, and Cassirer". In: *The New Yearbook for Phenomenology and Phenomenological Philosophy* IV, pp. 209-248.
- LUFT, Sebastian (2004b): Husserl's Theory of the Phenomenological Reduction: between Life-World and Cartesianism. In: *Research in Phenomenology* 34, p. 198-234.
- MISCH, Georg (1967): *Lebensphilosophie und Phänomenologie. Eine Auseinandersetzung der Diltheyschen Richtung mit Heidegger und Husserl*. Stuttgart, Teubner.
- MOHANTY, J. (2011): *Edmund Husserl's Freiburg Years, 1916–1938*. New Haven – London, Yale University Press.
- NABAIS, Nuno (1998): *A Evidência da Possibilidade. A Questão Modal na Fenomenologia de Husserl*. Lisboa, Relógio D'Água.
- NENON, Thomas (2008): "Some Differences between Kant's and Husserl's Conceptions of Transcendental Philosophy". In: *Continental Philosophic Review* 41, pp. 427-439.
- OVERGAARD, Soren (2002): "Epoché and Solipsistic Reduction". In: *Husserl Studies* 18 pp. 209-222.
- ZOCHER, Rudolf (1932): *Husserls Phänomenologie und Schuppes Logik. Ein Beitrag zur Kritik des intuitionistischen Ontologismus in der Immanenzidee*. München, E. Reinhardt.



ΦDEIA

